



Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Licenciatura em Letras/Português
Monografia em Literatura

RÔMULO RAMOS XIMENES

12/0059207

**HOMOFOBIA E CONFLITOS DE IDENTIDADE EM “TERÇA-FEIRA GORDA”, DE
CAIO FERNANDO ABREU, E *RASTROS DO VERÃO*, DE JOÃO GILBERTO NOLL**

MENÇÃO	
---------------	--

PROF^a DR^a VIRGÍNIA MARIA VASCONCELOS LEAL

Brasília- DF

1º/2014

RÔMULO RAMOS XIMENES

HOMOFOBIA E CONFLITOS EM “TERÇA-FEIRA GORDA”, DE CAIO FERNANDO
ABREU, E *RASTROS DO VERÃO*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção de título de licenciado em Letras-Português e
Respectivas Literaturas da Universidade de Brasília, sob
orientação da Profª Drª Virgínia Maria Vasconcelos Leal.

Brasília-DF

1º/2014

RESUMO

Discorrer sobre homofobia, homossexualidade e literatura é a proposta deste trabalho. Os três elementos em diálogo geram debates e esclarecem dúvidas e desassossegos que possam vir a ocorrer durante a leitura.

Diversas abordagens teóricas embasam a análise de duas obras literárias: um conto de Caio Fernando Abreu, “Terça-Feira Gorda”, e um romance de João Gilberto Noll *Rastros do Verão*. Na análise das obras são privilegiados aspectos relacionados à homossexualidade e a forma como a literatura representa a realidade vivida por gays, lésbicas, e outros que sofrem preconceitos por sua orientação sexual

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, homofobia, homossexualidade, Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO I.....	7
A HOMOFOBIA COMO PRECONCEITO SOCIAL	
CAPÍTULO II.....	14
A LITERATURA E A REPRESENTAÇÃO DO HOMOSSEXUAL	
CAPÍTULO III.....	18
RELAÇÕES AFETIVAS E CONFLITOS DE IDENTIDADE EM NARRATIVAS DE CAIO FERNANDO ABREU E JOÃO GILBERTO NOLL	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
BIBLIOGRAFIA.....	31

INTRODUÇÃO

O trabalho é dividido em capítulos de forma que um complementar a ideia central do outro fazendo com que, no final, haja um sentido para tudo que for dissertado. Inicialmente temos como foco a questão da homofobia e as práticas sociais que fazem com que ela exista. Além disso, serão evidenciados aspectos preconceituosos que fazem com que os homossexuais sejam discriminados.

Em um segundo momento a questão literária será abordada a fim de mostrar que há uma literatura de temática homossexual e que a mesma pode ser um ponto de apoio para que a sociedade e até mesmo o homossexual discriminado veja que não é um caso isolado, mas sim uma problemática social que necessita de uma atenção. Há editoras preocupadas com esse público, há uma representação por trás disso, sem contar que muita coisa não passa de um imaginário criado sobre os homossexuais.

Por fim teremos a análise das obras e que, por conseguinte, poderão ser vistas de forma aplicada muitos dos questionamentos levantados nos capítulos anteriores. As obras escolhidas para serem analisadas neste trabalho serão um conto de Caio Fernando Abreu, intitulado “Terça Feira Gorda”, que está contido no livro *Morangos Mofados* e o romance de João Gilberto Noll, *Rastros do Verão*. A escolha das obras se deu tanto por pontos que as aproximam quanto por pontos que as distanciam no que diz respeito às suas composições. O interesse nisso tudo parte da ideia das múltiplas formas de abordagem para o mesmo tema dentro da literatura.

Ambas se passam durante o carnaval. O conto é mais agressivo e direto em sua linguagem e fatos apresentados. O romance traz mais sentimentos individuais e conflitos pessoais, porém o sexo é algo explícito nos dois casos. O conto é uma narrativa que começa de forma mais implícita na qual o narrador em primeira pessoa não é identificado como masculino ou feminino, apenas o seu objeto de desejo. A concretização de que se trata de dois homens é revelada ao longo da narrativa, a homofobia está bem marcada, além da presença de elementos religiosos ligados ao candomblé e umbanda, que são religiões onde tem a maior aceitação dos

homossexuais. O desejo e os sentimentos se fundem marcando a relação como efêmera, porém o desfecho abrupto e agressivo deixa a história com um final infeliz.

No romance de Noll, as relações dão-se de forma sedutora e tanto quanto promíscuas, o que distanciando-o do conto em sua forma de apresentação dos fatos se de forma suave, subjetiva e lenta. Novamente eles se aproximam por atos sexuais explícitos. A construção de identidades em ambos se dá através de conflitos que se originam em torno de sensualidade, afetividade, o encontro de si no outro, a perda de si no outro, além de aceitações sociais. As narrativas acompanham a temática principalmente em seu caráter dúbio e de múltiplas leituras. Independente da opinião de quem as lê sempre haverá uma forma de identificação e um posicionamento sobre o que está sendo contado.

I. A HOMOFOBIA COMO PRECONCEITO SOCIAL

Todos os dias, de alguma forma, ficamos sabendo de vários casos de agressões contra homossexuais, mas como encarar isso numa sociedade em constante evolução? Vivemos em uma ditadura sexual. Repressão, censura, bloqueio, negação, seriam inúmeras as palavras que poderiam definir o que acontece com os direitos comuns que os homossexuais são impedidos de exercer, mas segundo Marco A. M. Prado e Frederico V. Machado:

Aos poucos, gays, lésbicas, travestis, transexuais entre outros deixam de serem lendas urbanas, anomalias sociais ou sujeitos patologizados, para se tornarem sujeitos políticos, que passam a reivindicar equivalência de direitos implicada muitas vezes pela construção de novos direitos sociais e/ ou pela desconstrução de direitos estabelecidos. (Prado e Machado, 2008, p. 14)

Homofobia é o termo usado para poder designar atos de intolerância contra gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transeñeros ou GLBTTTs como são conhecidos. Há um leque de vocábulos pejorativos que servem de sinônimos para designar a homossexualidade e o homossexual. “Gay”, “veado”, “bichinha”, “pederasta”, “baitola”, “boiola”, “frutinha”, “afeminado”, todos eles carregam uma carga altíssima de raiva, ódio, discriminação. Essas “piadinhas” de mau gosto são a forma leve de uma violação que dependendo de como praticada pode levar até a morte da pessoa discriminada. É por isso que Prado e Machado, afirmam que, “no âmbito da sexualidade, o preconceito social produziu a invisibilidade de certas identidades sexuadas [...] legitimizando práticas de inferiorizações sociais, como a homofobia.” (Prado e Machado, 2008, p.70)

A linguagem usada para com os gays os denomina como criaturas grotescas, sujas, desclassificadas. A homofobia não se restringe apenas a atos de agressões físicas, mas muitas vezes de agressões psicológicas e morais. Célia Regina Santos e Vera Helena Gomes Wielewicky nos trazem algo sobre isso:

No século XVIII, por exemplo, quando não havia se definido um vocabulário distinto para as diferenças da sexualidade, a medicina oitocentista classificava os homossexuais como “invertidos sexuais”. Com resultado disso, a homossexualidade ganha seu estigma sexual dentro de um contexto moral/religioso que se apresenta envolto por idéias de ‘pecado’, ‘perversão’ e ‘anomalia’, como transgressões à ordem heterossexual vigente. (Santos e Wielewicky, 2009, p. 348)

Os “gays”, de modo geral (neste caso não excluo nenhuma variante de sexo e sexualidade) são tidos como marginalizados de todas as maneiras. É uma comunidade que, apesar da crescente, é mantida na margem da sociedade e tida como uma doença que impregna e causa vergonha aos que tem. A homofobia pode ser enquadrada em uma imagem de juíza da moral e dos bons costumes. Nela tem-se a prerrogativa de construir uma imagem do gay e fazer com que ela seja verdadeira e julgada aos moldes inquisitoriais de muitos séculos atrás. O réu não tem direito à defesa e já está condenado a ser aquilo que o designam, como afirma Daniel Borillo:

Como toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela interpreta e tira conclusões materiais. Assim, se o homossexual é culpado do pecado, sua condenação moral aparece como necessária, e a purificação pelo fogo inquisitorial é uma consequência lógica. Se seus atos sexuais e afetivos são tidos quase como crimes, então seu lugar natural é, na melhor das hipóteses, o ostracismo, e na pior, a pena capital, como ainda acontece em alguns países. Considerado um doente, ele é objeto e deve se submeter a terapias que a ciência lhe recomenda, em especial os eletrochoques utilizados no Ocidente até os anos de 1960. (Borillo, 2009. p.18)

O que é dito no trecho citado ainda acontece nos dias de hoje. Enquanto de um lado os homossexuais ganham força e gritam palavras de ordem para a criminalização da homofobia, de outro, os mesmos são silenciados por regimes autoritários que os penalizam com a morte. Nos tempos atuais, denominar-se gay, bissexual, lésbica, transexual ou travesti é sinônimo de privação de direitos. Borillo concorda com isso quando diz que “heterossexualidade [é] o monopólio da normalidade”. (Borillo, p.2009, p.20) Quando uma pessoa é vista ou identificada com tais características automaticamente ela se torna refém da sua própria condição. A sociedade a encara como um objeto defeituoso de fábrica. Essa objetificação condiciona a vivência em um estado de silêncio e sofrimento no qual as suas qualidades e competências não são capazes de igualá-los aos heterossexuais. O padrão heterossexual que é imposto pela sociedade categoriza e rotula a “normalidade” de cada um, na qual aquele que foge a regra é considerado um erro da formação binária homem-mulher, masculino-feminino. O heterossexual é considerado incontestavelmente o detentor da chave da felicidade e herdeiro absoluto dos direitos divinos e humanos. Ao contrário, o homossexual deve

contentar-se em apenas ser o coadjuvante e aceitar o seu lugar de bastardo que por um descuido, acabou se criando no meio social. A homossexualidade devia ter uma aceitação tanto quanto a heterossexualidade, uma não deveria anular a outra. Mas não é isso que acontece. “A hierarquização das sexualidades, [...] confere à heterossexualidade um status superior e natural” (Borillo, 2009, p.17).

Dualidades de denominação são construídas em cima de conceitos como normal x anormal, regrado x desregado, dominação x submissão, desejos sexuais gays de um homem por outro homem ou de uma mulher por outra mulher são considerados perversões enquanto o desejo heterossexual por duas mulheres é considerado fetiche. Eis mais um exemplo de atitudes homofóbicas. Enquanto isso a imagem de dois homens de mãos dadas é totalmente aterrorizante e causa ojeriza na maior parte da população. Para João Silvério Trevisan, socialmente existe a necessidade de categorização:

Pelo simples fato de existir o desejo entre pessoas do mesmo sexo, é necessário referir-se a ele sob algum tipo de denominação; caso contrário, no limite acabaríamos voltando aos tempos da sufocante e hipócrita invisibilidade (‘o amor que não ousa dizer o seu nome’), que só reforçava os mecanismos repressivos (Trevisan, 2007, p. 37-38)

A homossexualidade feminina durante muito tempo foi silenciada e invisível, mas hoje as mulheres são alvos de discriminação tanto quanto os homens. A mulher que destoa do modelo maternal, feminino e delicado é considerada uma abominação para os moldes de reprodução. Elas compõem o rol de aberrações que nasceram apenas para desestruturar o ciclo de normalidade e da padronização familiar. A mulher nasceu para casar, viver para o marido, reproduzir e não discordar da sua função natural. As meninas são criadas desde pequenas com essa ideia. Isso pode ser exemplificado a partir dos brinquedos que elas ganham como as bonecas que as incitam a serem mães, ao jogo de cozinha e chá com que elas brincam e aprendem que devem saber cozinhar enquanto os meninos brincam de carrinho e tem a liberdade de sair para a rua e voltar apenas quando anoitecer. São práticas seculares como essas que só afirmam os papéis sociais considerados normais.

Azul é de menino, rosa é de menina e o amarelo e o branco só são usados quando o sexo do bebê ainda não foi definido porque depois disso volta-se para a padronização. Essas são regras impostas pela sociedade de forma cultural. A homofobia está impregnada em cada atitude, em cada palavra em cada gesto, em

cada olhar, em cada sentimento de intolerância. Prado e Machado nos dão uma dica de como podemos começar a modificar esse cenário: “Para abarcar os dilemas de nosso tempo, é necessário compreender a pluralidade das sexualidades e das orientações sexuais e suas implicações políticas (...)” (Prado e Machado, 2008, p.11)

Como são representados esses grupos marginalizados e estigmatizados? Quais as características que compõe a identificação desses grupos? Prado e Machado nos trazem uma ideia de “imaginário sexual” que responde esses dois questionamentos:

Uma infinidade de termos tem ocupado cada vez mais espaço em nosso cotidiano, nos levando a construir um ‘imaginário sexual’ inovador. Termos como GLS, GLBT, parada gay, mix, casamento gay, parceria ou pacto de união civil entre pessoas do mesmo sexo, opção ou orientação sexual, entre tantos outros nos remetem a um universo de personagens que tendem a ser colocados em histórias exóticas, distantes do nosso cotidiano e até mesmo escritas em vocabulário e linguagem próprias. (Prado e Machado, 2008, p. 30)

O preconceito e a discriminação são tão fortes que os mesmos são atingidos tanto fora quanto dentro dos seus respectivos meios de “aceitação”. Esta é uma questão paradoxal, mas vamos tentar entender como isso acontece e como são atacados em um ambiente onde deveria haver apoio mútuo. A comunidade gay é bastante estereotipada e são esses estereótipos que causam a ruptura na aceitação e a discriminação interna. Vamos ao gay, por exemplo. Com a era digital encontramos os mais diversos aplicativos que “aproximam” os gays uns dos outros, porém isso não acontece na prática como acontece na teoria. “Não aos afeminados”, “Não aos gordos”, “Não aos magros”, “Não é questão de preconceito, é gosto”, o mundo de corpos sarados, roupas de marcas, bebidas caras, baladas e muitos outros estigmatizam e criam barreiras, o gay não pode “miar”, ele deve ser másculo, viril e ter jeito de macho. Aqueles que não correspondem a essas expectativas estão excluídos do processo seletivo para encontrar sua cara metade.

Mais um ponto de muita discussão é o da questão afetiva e emocional. O homossexual é taxado de perverso e promíscuo, não tem sentimentos. Mas é crescente o número de casais do mesmo sexo aderindo ao casamento e a relações tidas como monogâmicas. Mesmo que a troca de parceiros seja mais alta ou mais visível não se deve dizer que gays não sabem amar ou não merecem serem respeitados pela quantidade de parceiros sexuais que possuem. Mais uma vez

temos o preconceito e uma imagem que é criada sobre esse estereótipo. Para esclarecer, quando falo em preconceito uso a definição de Allport *apud* Silva:

Uma antipatia baseada numa generalização, errada e inflexível, que pode ser expressa abertamente ou só sentida, e que pode ser dirigida a um grupo como todo, ou a um indivíduo, por ser membro de tal grupo. (Allport *apud* Silva, 2004, p.235)

A procura é constante, os desencontros também, aceitação que não se encontra do lado de fora muitas vezes não se é encontrada do lado de dentro. Por tanto preconceito, tanta exclusão, tanta distinção alguns sentimentos acabam sendo internalizados e muitas vezes o gay acredita que não poderá ser parte de uma família ou mesmo constituir uma. Isso por não se enquadrar ou não ter os pré-requisitos que dizem serem necessários para se fazer parte de uma composição harmoniosa e legítima.

Ao falar em composição familiar temos que lembrar o quanto a família é importante tanto para o lado bom quanto para o lado ruim. A aceitação da família é ponto crucial para a quebra do ciclo homofóbico. Porém, em contrapartida, uma família que prega a homofobia é capaz de criar gerações e gerações de pessoas homofóbicas. A respeito Borillo afirma:

A homofobia é familiar; percebemo-la como um fenômeno banal: quantos pais se inquietam ao descobrir a homofobia de seu filho adolescente, se a homossexualidade de um filho ou filha é ainda motivo de sofrimento para famílias e conduz e conduz frequentemente a consultar a um terapeuta? Invisível, cotidiana e disseminada, a homofobia participa do senso comum, embora leve, igualmente, a uma alienação dos heterossexuais. (Borillo, 2009, p.19)

A aceitação de um gay dentro de casa é tema polêmico, o machismo é o pai do preconceito. Fases como “eu não tenho preconceito, mas não quero isso para um filho meu” são evidências de que esse tipo de prática está agarrada e presa aos moldes sociais. Quando uma criança cresce ouvindo tais afirmações ela acaba internalizando tais ideias e quando se torna adulta ela será capaz de praticar atitudes brutais e até exterminadoras em relação a um gay. Da mesma forma um gay que é expulso de casa por conta de sua orientação sexual fica muito mais suscetível a entrar no mundo das drogas, prostituição e até mesmo do crime. Quando a discriminação vem de dentro de casa tem-se um risco muito maior de abalo emocional do que quando somente vem de fora. O apoio familiar é de suma

importância para que o que vem de fora não atinja tão em cheio da forma como geralmente acontece.

É nesse contexto que nascem as associações e Organismos Não-Governamentais que se voltam para o acolhimento de jovens e adultos homossexuais que estão em crise familiar e pessoal. Essas entidades são responsáveis por uma “reabilitação” social de homossexuais que buscam uma solução para esse possível desvio. Lá eles conseguem entender que são pessoas comuns e não devem deixar-se abalar por atitudes hostis. Há também um trabalho com as mães e pais desses homossexuais que procuram ajuda para poderem entender e aceitar a orientação sexual de seus filhos. Aliás, um dos pontos que é discutido é a diferença entre a orientação e a opção sexual. Esta última é a mais usada, porém a menos adequada. Parte-se do pressuposto de que as pessoas escolhem serem gays, lésbicas e até mesmo travestis. Mas não é assim de fato que acontece. A pessoa que é homossexual diz que é orientada pelo desejo e afeição, não é algo a ser manipulado, é algo a ser sentido e vivido. Então, quando os pais vão à procura de ajuda eles passam a entender como os filhos sofrem e que o ambiente familiar deve ser o mais acolhedor possível.

Quando os pais se dão conta disso vem seu maior temor: de qualquer pai: que seu filho seja maltratado por um estranho qualquer. As violações são tamanhas que, de acordo com pesquisas, só no ano de 2013 foram registrados 310 casos de morte de homossexuais por causa da homofobia. Esse foi um dado revelado pela comissão organizadora da Parada Gay do Estado de São Paulo, a qual é um dos maiores eventos GLBTTs do país. A reivindicação desse ano, 2014, foi justamente para que a homofobia seja criminalizada e que seja ativado um canal de atendimento de denúncias de vítimas de casos de homofobia. Essa medida seria uma forma de diminuir os ataques e as agressões contra homossexuais. Dessa forma, esse evento de grande porte, a Parada Gay de São Paulo, acabou por ganhar visibilidade em caráter nacional e hoje a maioria dos estados e cidades brasileiras possuem suas próprias paradas gays e lutam por seus direitos de acordo com suas necessidades primárias.

Por fim, muitos gays acabam encontrando uma espécie de refúgio através de atividades que os distanciam da realidade vivida. Para que isso ocorra não precisa

ser necessariamente através de substâncias alucinógenas, mas sim através da literatura, através de histórias que aproximam ao máximo a ficção da realidade. Sendo assim a literatura pode ser um caminho a seguir, caminho no qual o leitor gay possa compartilhar da sua vida com personagens que sentem e agem como ele próprio. No próximo capítulo abordarei a questão da homossexualidade na literatura e como ela acontece, para que, em seguida, analisemos um conto de Caio Fernando Abreu, “Terça feira gorda”, e um romance de João Gilberto Noll, *Rastros de Verão*, ambos com a temática gay.

II. A LITERATURA E A REPRESENTAÇÃO DO HOMOSSEXUAL

Quando se fala em literatura há uma gama de opções e definições a serem discutidas e debatidas. Em cada corrente teórica há uma forma de enquadrá-la. Conforme as afinidades do pesquisador ou do leitor. Aqui inicio com as palavras de Antonio Candido:

Convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase [...] que se manifestam historicamente e fazem da literatura um aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. (Candido, 2000, p. 23)

Além do seu aspecto sistêmico a literatura pode vir a incorporar, de certa forma, vários tipos de obra sejam colocadas como literatura, independente de quem a escreveu ou para quem foi escrita. Acredito que é a partir disso que podemos falar de uma literatura gay, homoafetiva ou até mesmo homoerótica. Esse último termo gostaria de usar o mínimo possível, já que o “erótico” contido nele pode rotular a obra como algo pornográfico por haver cenas de atos sexuais explícitos. Apesar dessas cenas sexuais serem recorrentes em obras protagonizadas por gays não irei focar nesse tema. Segundo Terry Eagleton:

Questões intelectuais já não são mais um assunto tratado em torres de marfim, mas fazem parte do mundo da mídia e dos shopping centers, dos quartos de dormir e dos hotéis. [...] Essa trivialização da sexualidade é especialmente irônica. Pois uma das mais destacadas conquistas da teoria cultural foi estabelecer gênero e sexualidade como legítimos objetos de estudo, como questões de persistente importância política. (Eagleton, 2005, p.15-16)

Para não cair na “trivialização” sexual e pensar em uma “importância política”, o sexo não será o elemento principal na análise das obras que acontecerá na próxima parte desse trabalho. Primeiramente, a literatura de temática homossexual deve ser aceita como qualquer outra. Em segundo lugar, obras que possuem personagens gays, mesmo que não sejam principais, segundo Denilson Lopes, já vem sendo publicadas há muito tempo aqui no Brasil: “Com o Naturalismo é que se pode falar da emergência de uma prosa homotextual no Brasil, que terá implicações na representação do homossexual até o presente.” (Lopes, 2002, p.126)

Virgínia Leal discorre sobre a questão de uma espécie de função das obras literárias, especificamente obras de cunho homossexual: “Falar em literatura ‘engajada’ ou ‘militante’ é, em princípio, fomentar um debate permanente a respeito da função das obras literárias, o que implica na sua conceituação, desde os tempos de Platão e Aristóteles” (Leal, 2011, p. 387) Partindo disso é complexo falar em uma função específica ou afirmar que esse tipo de literatura seja pertencente de forma exclusiva a um grupo. O mais acertado a se fazer é perceber como é vista e como a personagem é aceita ou não pelo leitor, independente da sua orientação sexual, tanto do leitor quanto da própria personagem.

Outra questão que influencia bastante e que deve ser levada em consideração é a questão editorial. A escolha desta não é feita aleatoriamente. Há uma preocupação na hora da escolha e Leal ainda fala sobre isso:

O livro editado, e não apenas aquele impresso por encomenda, traz o aval de um agente importante do campo literário - a editora -, que o selecionou em meio aos inúmeros originais recebidos. Passar por isso já traz uma primeira legitimização [...] Com a publicação por uma editora, que coloca seus produtos em livrarias, que fomenta resenhas, há um novo patamar a ser atingido. (Leal, 2011, p.391)

Por outro lado tudo isso implica no que é chamado de representação. A publicação literária tem por objetivo atingir um público direcionado, a ser representado nela, seja infantil, infanto-juvenil, técnico ou qualquer outro que seja. É nesse intuito que as publicações de literatura de temática homossexual aparecem para, de certa forma, representar essa minoria social. O leitor deve se identificar com ela. Em seu artigo, Leal traz o conceito de Iris Young para poder falar disso:

A questão da representação apresenta-se novamente complexa. Iris Young centra o seu conceito de representação baseado na natureza do relacionamento entre os representantes e seus representados. A sua tese, em que é enfatizada a perspectiva social, distanciando-se da noção de identidade, base das noções tradicionais de representação, em que os representantes teriam autorização para falar ‘como’ seus representados (ao compartilharem a mesma identidade) ou ‘por’ seus representados (quando autorizados) (Leal, 2011, p.393)

Pensando em parte do que foi dito anteriormente, a literatura pode ser um ponto de apoio para gays que buscam aceitação social e até mesmo a própria aceitação. Em uma narrativa é a personagem que faz com que o leitor se identifique ou não com a história nela contida. Esse aspecto provoca adesão afetiva ao enredo. O que seria de acordo com Candido a relação entre o ser vivo (leitor) e o ser fictício (personagem). Segundo Antonio Candido, verossimilhança é “o sentimento de

verdade”. (Candido, 1972, p. 55) Para ele, existe um problema de comunicação entre o real e o fictício, e isso já veio sendo problematizado em algumas obras, de grandes autores, desde o século XIV. “Nas obras de uns e outros, a dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres vem refletida, de maneira por vezes trágica, sob a forma de incomunicabilidade nas relações”. (Candido, 1972, p. 57) Percebemos tal incomunicabilidade em muitos personagens gays.

A dificuldade encontrada na aceitação e definição da verossimilhança é a chamada “visão fragmentada” defendida por Candido. Ela é basicamente a dificuldade do ser vivo de encontrar no seu semelhante uma compreensão do que seja o outro de uma forma totalitária e uniforme, mas ao contrário disso, ocorre uma leitura fragmentada que se modifica a cada nova informação adquirida. Em suas palavras:

Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é iminente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. (Candido, 1972, p. 58)

Dessa forma a verossimilhança só poderá ser eficaz como ponto de aproximação do leitor com a obra se ela for de encontro com a organização dos fragmentos e do contexto unificando-se. Apesar dos conceitos teóricos aqui abordados serem voltados para o romance, os mesmos também serão levados em consideração quando for analisado o conto de Caio Fernando Abreu.

Para Santos e Wielewicki, “a história da homotextualidade ainda está em processo de construção e autodefinição no campo da legitimidade institucional.” (Santos e Wielewicki, 2009, p.348) Desse modo podemos ver que não é só a questão de aceitação social, mas também artística. Tudo que envolve os gays de forma geral ainda é repudiado, talvez por não haver um conhecimento maior de causa. Para Denilson Lopes passado e presente devem conversar frequentemente para que possa haver um reconhecimento de causa: “É fundamental estabelecer um movimento de dois sentidos entre o passado e o presente, que eventualmente atualize obras do passado ou torne obras do presente menos isoladas.” (Lopes, 2002, p.125)

O discurso neste trabalho será voltado para a representação do homossexual masculino na literatura e de forma mais específica no *corpus* a ser analisado. Outro aspecto que vem proporcionando a visibilidade literária gay, além da procura pelo tema, é o crescimento do mercado de editoras voltadas para esse público, como acentuam Santos e Wielewick: “Apesar de bastante marginalizado, principalmente nas prateleiras das livrarias, o envolvimento político literário de grupos homoeróticos tem chamado a atenção de algumas editoras para a temática da homotextualidade.” (Santos e Wielewick, 2009, p.348)

Deve-se então voltar um pouco na questão da literatura e o que ela nos proporciona. Pode se dizer que, de forma em geral, quando uma pessoa abre um livro ela passa a viver fora de uma realidade, ela consegue se afastar daquilo que a cerca. Ela viaja, ela sonha, ela se apaixona. Ela pode ser quem ela quiser, como quiser, quando quiser. São por esses e outros motivos que gays tendem a se identificar com personagens gays assim como os heterossexuais se identificam nas histórias de amor convencionais.

Tendo dito tudo até aqui partiremos para a próxima parte deste trabalho. Nesta última etapa serão analisadas duas obras literárias em dois gêneros literários distintos. O primeiro será o conto de Caio Fernando Abreu intitulado “Terça-Feira Gorda”. O segundo será o romance de João Gilberto Noll, *Rastros do Verão*. Sem esta parte o trabalho ficaria totalmente incompreensível. Nela é que tudo que foi abordado nesta unidade e na anterior fará sentido.

III. RELAÇÕES AFETIVAS E CONFLITOS DE IDENTIDADE EM NARRATIVAS

DE CAIO FERNANDO ABREU E JOÃO GILBERTO NOLL

Tudo que foi dito até o momento neste trabalho poderá fazer mais sentido a partir da exposição das obras escolhidas para análise. Os pontos abordados anteriormente foram uma forma de clarear sobre o que as obras irão dizer. Nesta parte será analisado e comentado sobre o que se trata o conto de Caio Fernando Abreu “Terça-Feira Gorda”, e o romance de João Gilberto Noll *Rastros do Verão*.

As obras literárias aqui escolhidas possuem alguns pontos em comum entre elas. Porém elas se distanciam algumas vezes. A começar por seus gêneros textuais. O motivo da escolha de um conto e um romance, e não apenas um único gênero literário, é justamente o fato deste trabalho abordar sob diferentes perspectivas um tema que trata de diferenças dentro da igualdade (sexo, gênero, orientação sexual). Fazer com que haja um enfrentamento de distintas visões sobre a homossexualidade. De forma teórica vamos entender um pouco das características de cada gênero literário que será trabalhado.

Mikhail Bakhtin fala sobre as dificuldades encontradas e os motivos do gênero romance ser o que é: “O romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado.” (Bakhtin, 1998, p.397) Para ele esse é um gênero que, mesmo depois de aceito e muito utilizado, ainda continua a evoluir de forma inesgotável e continua a se aprimorar. Ele ainda continua:

Somente o que evolui pode compreender a evolução. O romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna precisamente porque, melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo, ele é, por isso, o único gênero nascido naquele mundo e em tudo semelhante a ele. O romance antecipou muito, e ainda a futura evolução de toda literatura. (Bakhtin, 1998, p.400)

Da mesma forma como Bakhtin defende seu ponto de vista sobre o romance, Julio Cortázar faz a sua defesa acerca do conto. Para ele como o romance, o conto é uma forma de expressão literária, mas por ser algo de difícil definição cabe a ele se alimentar de outras formas de literatura para sobreviver. De acordo com as ideias expostas por Cortázar, pode se compreender que o conto e o romance complementam-se:

Para entender o caráter peculiar do conto, costuma-se compará-lo com o romance, gênero muito mais popular sobre o qual abundam as preceptísticas. [...] Nesse sentido, o romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um filme é em princípio uma 'ordem aberta', romanesca, enquanto que um a fotografia bem realizada pressupõe uma justa limitação prévia, imposta em parte pelo campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. (Cortázar, 1993, p.151)

Em síntese, o conto e o romance são gêneros literários que além de serem narrativas, distinguem-se por seu tamanho, por sua forma de abordagem de um tema, seja fictício ou não, e pela forma como o leitor o recebe. O romance é o desenrolar de fatos até chegar a seu clímax, enquanto o conto é um recorte mais preciso e muito próximo desse clímax. O romance ganha espaço e a graça do leitor através de sua apresentação estratégica das ações, o conto por outro lado deve ser mais incisivo, direto e não menos envolvente.

Quanto à existência de algumas semelhanças externas das obras podemos destacar que ambos os autores nasceram no mesmo estado brasileiro, são gaúchos, e foram colegas na mesma faculdade e no mesmo curso, Letras. Essas e outras curiosidades podem ou não influenciar nas escritas, porém veremos no que mais a temática as aproximam ou as distanciam.

Iniciaremos a análise das obras com o conto "Terça-Feira Gorda", que está contido no livro *Morangos Mofados* (1982). Neste livro temos uma compilação de vários contos de Caio Fernando Abreu. No conto em questão a narrativa discorre em uma terça-feira de carnaval, data que antecede um dia que marca o calendário cristão, o início da quaresma, de acordo com a Igreja Católica. O carnaval é uma data conhecida culturalmente como a festa da carne, e é justamente nesta festa que nossas personagens se (re)encontram.

Como todos os contos contidos neste livro, esse também possui uma dedicatória a alguém logo abaixo do título. A narrativa é escrita em quatro páginas. Logo de início temos a presença de um narrador em primeira pessoa, um narrador-personagem, o qual seu gênero (masculino/feminino) não é identificável de imediato; No decorrer da análise o chamaremos de "eu". "De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim." (Abreu, 2005, p.56) Nenhuma das personagens é

nomeada. A pessoa a qual o “eu” (narrador) se refere é logo identificada pelo pronome “ele”. A marca que traz a identificação de que “eu” possivelmente seja do gênero masculino só aparece na metade do terceiro parágrafo, de forma implícita, e acontece através de um traço que poderia caracterizar uma figura masculina: os pêlos. “Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se misturavam.” (Abreu, 2005, p.57) Nessa passagem é notável a distinção do masculino e do feminino através de características hormonais e até culturais, já que as mulheres, grande parte delas no Brasil, retiram seus pêlos através de tratamentos estéticos.

Além do mencionado, outra marca de distinção que o texto traz é a gramatical. Em nenhum momento da narrativa são utilizadas outras pontuações além da vírgula e do ponto final. Não há a presença de interrogações por exemplo. “Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse.” (Abreu, 2005, p.57) Neste último trecho temos também outra marca de escrita que é a supressão de pontuação que indique um discurso direto. Pode-se pressupor que, ao fazer isso, de forma intencional o autor queira passar justamente a mensagem que tudo que foi dito eram afirmações ou negações. Não havia dúvidas, apenas afirmações. Aquilo descrito acontece de fato, o gay existe, as relações acontecem, o imaginário gay acontece. Segundo Lopes a escrita de Abreu é algo que emergiu:

Quando as energias utópicas e rebeldes que agitaram os anos 60 e parte dos 70 começam a perder força, um horizonte pós-moderno constituído e interpretado por desejos e identidades homoeróticas emerge. Paisagens entre a melancolia e a alegria possível, a deriva sexual e o temor da Aids, a solidão e a ternura, a desterritorialização e a busca de novas relações. É nesse sentido que pode ser entendido melhor da obra de Caio Fernando Abreu. (Lopes, 2002, p.140)

A narrativa apresenta figuras africanas ligadas ao candomblé, o “ele” é comparado a vários orixás, deuses africanos, de forma que se torne algo bonito, poderoso e atraente. Nesse tipo de religião são comumente encontrados gays e lésbicas praticantes desse culto. “Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, Iansã com purpurina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido” (Abreu, 2005, p.56)

As ondas e o mar são ícones que aparecem durante o relato do narrador e que carregam uma simbologia muito importante para a compreensão da narrativa. Tanto que o desfecho da história ocorre na praia em meio às ondas do mar. As

ondas aparecem tanto nos movimentos corporais de “ele” “Um movimento descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulando, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário...” (Abreu, 2005, p.56), quanto nos movimentos do mar. Quanto a isso Lopes fala que o mar representa essa indefinição que é o ser gay e suas relações: “A presença do mar como paisagem de indefinição é análoga à dificuldade de falar de emoções complexas na sua dispersão, na expectativa de uma definição adiada.” (Lopes, 2002, p.141)

O corpo é objeto de desejo, o toque, a ânsia pelo contato físico. O olhar não é mais suficiente para se entenderem como no início do conto. “Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também” (Abreu, 2005, p. 57) Nesse trecho vemos explícito que foi dito anteriormente sobre a questão física ser algo muito cultuado para os gays. O uso de substâncias alucinógenas a ser descrito no trecho a seguir pode ser encarado com uma forma de fuga da sua realidade para poder vivenciar de forma “livre” o que se sente:

Ele enfiou a mão dentro da sunga, tirou duas bolinhas num envelope metálico. Tomou uma e me estendeu a outra. Não, eu disse, eu quero minha lucidez de qualquer jeito. Mas estava completamente louco. E queria, como queria aquela bolinha química quente vinda direto do meio dos pentelhos dele. (Abreu, 2005, p. 57)

Informações como nome, idade, endereço ou algo parecido não são necessárias para esse tipo de relação. Isso é recorrente em casos de relações efêmeras, as quais os gays são estereotipados por praticarem. “Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone, teu signo ou endereço, ele disse.” (Abreu, 2005, p. 58-59) Talvez por conta de todas essas afirmações, que apareça na narrativa mais uma simbologia: a máscara. Há uma metáfora sobre a máscara de carnaval que não foi usada por nenhuma das personagens e que o “eu” só percebe esse fato depois que saem da festa. Vale ressaltar uma que o vocábulo ‘máscara’ assume dois significados. O primeiro de objeto carnavalesco e o segundo de máscara social. Este último é percebido pela grafia e contextualização da palavra que vem no singular. É perceptível a sensação de medo, de angústia misturada com um alívio em saber que tudo que aconteceu foi de forma verdadeira, sem mentiras.

Foi então que percebi que não usávamos mascara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria,

também não usava máscara. Então pensei que era proibido ou perigoso não usar máscara ainda mais no carnaval. (Abreu, 2005, p.58)

O conto é constituído por visões distintas. Seja pela visão de quem vive e gosta, seja de quem não vive e não gosta. A homofobia é presente e fortemente retratada. Há cenas de violências verbais como: “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora.” (Abreu, 2005, p. 57), até cenas fortes de agressão física que pode induzir o leitor a acreditar numa possível morte da personagem “ele.”:

Mas vieram vindo, então, eram muitos. [...] O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. (Abreu, p.59)

Por fim, o conto encerra com um parágrafo que fala do que o “eu” sentia vendo seu mundo desabar nas mãos de agressores, o seu sentimento de impotência ao ver as imagens sobre aquele caso não foram destruídas pelas drogas, promiscuidade, a frivolidade do momento, a falta de amor, de desejo. Mas sim a falta da máscara, a falta de não ter sentido em silêncio, vivido em silêncio. Foram as atitudes grotescas e brutais de uma sociedade machista que silenciou aquele momento para sempre, pelo menos para um deles. O corpo já não vale mais, o a sensação de estar vendo as estrelas de perto já não existe mais e o gosto doce do fruto “proibido” se tornou amargo:

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços. (Abreu, 2005, p. 59)

Apesar de haver vários outros aspectos interessantes dentro do conto a serem citados, deixarei apenas os que já foram ditos. Passaremos a analisar o romance de João Gilberto Noll, “Rastros do Verão” (1986). O romance de Noll traz uma narrativa que desde seu início é nebulosa, cheia de conflitos psicológicos mal resolvidos. A narrativa é contada em 94 páginas e se passa na cidade de Porto Alegre capital do Rio Grande do Sul, e tem início em uma terça-feira de carnaval.

O narrador da história começa a contar em terceira pessoa, mas depois do primeiro parágrafo, passa a ser em primeira pessoa até o fim da narrativa. Talvez isso converse com o drama psicológico que a personagem vive.

Um homem debaixo de uma árvore, sentado num banco de pedra. [...] Foi quando abri os olhos, e o motorista do ônibus batia no meu braço, pedia que eu acordasse porque tínhamos chegado. [...] O motorista afastou-se, e antes de descer virou-se para mim e disse que tínhamos chegado em Porto Alegre. [...] Lembrei que era Terça-Feira Gorda. (Noll, 1986, p.7)

O narrador/personagem discorre sobre a cultura gaúcha em todo decorrer do livro. Ele se caracteriza como um homem por volta de 40 anos de idade, mas seu nome não é revelado em momento algum. Nem o dele e nem o das personagens que aparecerão posteriormente. Talvez isso seja uma forma do autor dizer que os conflitos vividos pelo ser humano são passíveis de acontecer a qualquer um. Não importa o gênero, a raça, a idade. Não se deve nomear, rotular, apenas entender que as coisas acontecem de forma natural. De acordo com Denilson Lopes há uma “identificação de categorias estéticas articuladoras”, nesse romance podemos reconhecer alguns tipos dos quais o pesquisador destaca:

Pelos estudos de figuras (a ambiguidade do adolescente tímido, do travesti, da mulher masculinizada, do solteirão/solteirona, do bissexual), associados à construção do olhar e do desejo, confrontados com práticas menos institucionalizadas ou marginalizadas dentro de uma reprodutividade reificadora de uma reprodução social e sexual, com a masturbação, o voyeurismo, a pornografia a promiscuidade, entre outras. (Lopes, 2002, p.124-125)

Boa parte das práticas apontadas por Lopes aparecem ao longo da narrativa. O “homem”, como será chamado daqui em diante, acredita que sua idade não seria indício para que outra pessoa não sinta atração não o desejo. Aqui temos a figura estereotipada do solteirão.

Olhei a minha imagem no espelho: eu andava me tratando mal. Não que eu já estampasse uma profusão de rugas, nem bem chegado aos quarenta. Não o meu rosto apresentava certa solidez. Era quem sabe a falta de um sinal qualquer que ainda pudesse insinuar a alguém uma promessa. (Noll, 1986, p.9)

Aparecem também elementos místicos, nesse caso a simbologia e a cultura cigana. Ele é abordado por uma mulher cigana que pede para ler a sorte em sua mão. “Quando eu descia a rampa de caracol da outra ponta uma cigana, que subia, se aproximou e perguntou em castelhano se eu queria que ela lesse minha sorte” (Noll, 1986, p.9) A personagem parece ser acompanhada pela solidão. Esse é um sentimento que as pessoas, iguais a ele, cultuam “Vou ficar na chuva, eu disse – aquelas coisas que costumava dizer quando estava muito só.” (Noll, 1986, p.11) Uma

segunda personagem aparece para poder acabar com esse sentimento de solidão que acompanha o homem. “Olhei para o lado e que era um garoto que deveria andar nos 17, no máximo nos 18 anos.” (Noll, 1986, p.11) Essa mesma personagem se torna não só companheira de jornada, mas também uma espécie de desejo, misturando a proteção paternal com o desejo carnal. Quanto ao primeiro aspecto pode ser o motivo do autor revelar a idade de ambos e forma imprecisa. Em todo momento narrativo o homem coloca o garoto em um papel de seu dependente, principalmente financeiramente.

De repente me veio a ideia de que aquele garoto ficaria bem numa fantasia de centurião romano. Sorri, ele sorriu também. [...] Ou quem sabe se imaginasse bebendo o chope que ele não poderia pagar. Essa ideia veio com um impulso de ver aquele garoto precisando de alguma forma de mim. (Noll, 1986, p.11-12)

No romance também temos uma pontuação em grande parte de vírgula e ponto final. A indicação de discurso direto e o uso de interrogações também são suprimidos. Os capítulos não são identificados graficamente, mas percebe-se uma quebra de continuidade em três partes no livro. “E o nosso banho de chuva, falei.” (Noll, 1986, p.13) O homem desde o início deixa evidente que vive deslocado por não se sentir pertencente a lugar nenhum. Ele busca intensamente por isso, mas mesmo assim não se sente confiante.

Me afastei da mesa e tive o instinto de olhar os meus pés. Eles estavam dentro de uns sapatos avermelhados de terra. Era com ele que eu tinha vindo até aqui. Olhei para o garoto e disse que tinha caminhado muito, que tinha sido sempre assim: quando chegava numa cidade, conhecida ou não, o meu primeiro impulso era o de caminhar sem outra direção que não a do meu faro, e que o meu faro me levava geralmente a uma tal intimidade com o cenário que no dia seguinte e tinha vontade de partir. (Noll, 1986, p.13)

Da mesma forma que o homem conta de sua vida o garoto faz o mesmo. Ele se mostra carente de uma figura masculina em sua vida, uma figura paterna. Talvez essa seja uma justificativa pelo fato dele ter se aproximado tão rapidamente desse estranho que acabara de conhecer. De alguma maneira saber dessa ausência fez com que o homem se sentisse bem. “O meu pai era um viajante, o garoto disse e eu me senti aliviado. Abandonou minha mãe quando eu ainda era muito pequeno. [...] Não tenho memória nenhuma da imagem do meu pai.” (Noll, 1986, p.14)

Nesta narrativa temos a figura do marinheiro que assim como o mar possui toda uma representação simbólica. Segundo Lopes: “Bem pode ser um herdeiro do

marinheiro como fetiche o fascínio por homens fortes, marginais, de classes populares.” (Lopes, 2002, p.127) O garoto aspira ser um marinheiro e andar de porto em porto sem ter que se prender a nada ou a ninguém. “Enquanto caminhávamos pela Praça Quinze o garoto disse que estava indo embora amanhã para o Rio. Curso para a marinha mercante, e depois sairia pelos mares para todos os portos do mundo.” (Noll, 1986, p.18-19) O encontro e o desencontro são marcas que acompanham as personagens do início ao fim. O mar aparece como uma figura na qual seria uma possível solução para mudanças. Enquanto a terra prende e desnorreia, o mar em movimento liberta. “O garoto talvez tivesse chegado prematuramente a uma solução: iria para o mar – na terra, sempre em trânsito.” (Noll, 1986, p.22)

Há uma dualidade entre o apego e desapego. Encontrar-se fora de si, dentro e fora dos outros. Procurar raízes sem saber onde as fincou por não se sentir pertencente a lugar algum. “Vi o brilho fosco da água, e ao mesmo tempo me dei conta de que eu tinha abandonado tudo. Pessoa por pessoa. Os objetos eu não os tinha trazido, salvo um dinheiro que me daria por alguns dias.” (Noll, 1986, p.24) Então o desejo que o homem sente pelo garoto se torna mais visível, explícito. Há um jogo de sedução e o exibicionismo:

Eu disse que só agora estava descobrindo que eu gostava do verão. Acho que ao me queixar do calor faço o papel de uma mulher que negaceia a sedução para provocá-la mais e prolongá-la. Foi então que decidi tirar a camisa, e perguntei se ele não ia fazer o mesmo. (Noll, 1986, p.26)

O homem mostra uma necessidade de ter esse garoto, o qual ele julgava precisar dele, ao seu lado. Esse garoto desconhecido que até então necessitava de uma figura paterna.

Que não adiantava vir para debaixo da árvore, que mesmo ali era preciso preencher o tempo com palavras, que do contrário o garoto me abandonaria – e se ele me abandonasse talvez na manhã seguinte eu ainda continuasse ali, e quem passasse, talvez, já não desse por mim. (Noll, 1986, p.27)

O desconhecido é temido, mas de forma fugaz. É nele que se encontra o desejo de algo novo e que mude a situação atual. Seja o desconhecido garoto, o desconhecido momento ou até mesmo o conhecido lugar que se torna desconhecido por conta do momento.

Talvez ele fosse um louco, um criminoso, um garoto absolutamente normal. [...] Não importava até onde ou quando. Não importava que na manhã seguinte ele me aparecesse com seus pertences em volta, pronto para partir, e eu tivesse que ficar como todos os que ficam: ansiando sem recursos por ser aquele que parte. (Noll, 1986, p.30)

Um abraço inesperado é o primeiro contato corporal entre os dois. Depois disso aparecem mais personagens. Uma mulher e seu filho. São pessoas com quem o garoto mora, de aluguel, e parece não terem nenhum laço sanguíneo. Apesar de o garoto ser muito próximo da criança. O homem é apresentado à mulher como pai do garoto após uma volta inesperada da mulher e da criança á casa:

A criança veio correndo para a cozinha. Quando viu o garoto começou a dar leves mordidas na mão dele. Depois veio a mãe. Que apareceu na porta da cozinha e acendeu a luz. Estava escuro, ela disse. A criança continuava a morder a mão do garoto. Ele não parecia se importar. Olhou para a mulher e disse que eu era seu pai. Foi aí que a mulher pareceu notar que estávamos de sunga. Olhou para pia e disse sim, o pai, que bom... (Noll, 1986, p.38)

A mulher se torna alvo desejos sexuais do mesmo homem conflituoso que parecia possuir tendências homossexuais em relação ao garoto. Nota-se que, na passagem anterior, a mulher não mostra muita convicção em acreditar que o homem fosse de fato pai do garoto:

Ao sair do quarto do garoto vi que a mulher entrava no banheiro. [...] Enfiei a mão pela sunga e peguei o meu pau. [...] Passei pela porta do quarto dela para ir ao banheiro, e a vi nua estendendo um lençol sobre a cama. Não deu para mijar porque eu estava bastante excitado. [...] Ao passar pelo espelho, me olhei. Quando parei na porta do quarto dela estava escuro. Mas eu via perfeitamente a sua sombra deitada na cama. Até os quadris, o lençol – que eu retirei. A sua pele arrepiou-se, e numa eletricidade a minha mão também. Senti que eu poderia ir. E entrei dentro dela. (Noll, 1986, p.41-42)

Tudo que acontece após o ato sexual entre o homem e a mulher dá a entender ao leitor que o descrito não passou de devaneio. Não há uma concretude ou relevância ao fato. O homem acorda no quarto do garoto e mãe e filho já não estão mais em casa. Porém, aparece um trecho que desfaz todo o mal entendido e confirma a relação:

Me levante e fui ao banheiro mijar. Quando peguei o meu pau vi que nele havia manchas secas de sangue. Imediatamente me veio uma ereção. E uma sensação de quando o pau penetra. Quando voltei a olhar para o meu pau vi que ele estava mirrando novamente, com um jeito um pouco humilhado. (Noll, 1986, p.48)

Os pensamentos do homem na cena descrita anteriormente dão a entender que sente vergonha ou até pesar do que houve entre ele e a mulher. Em meio a tudo isso, o que o homem sentia pelo garoto até então é modificado. Fica um ar de

dúvida se esse abalo se deve ao acontecido com a mulher. Poderia ser chamado de um conflito bissexual. “Eu levei um susto e abri os olhos ao me dar conta de que assim tão repentino o meu afeto pelo garoto se deteriorava.” (Noll, 1986, p.51)

Após um colapso nervoso e de sentimentos à flor da pele o homem rasga sua própria sunga. Com isso o garoto aparece e o masturba. Essa é a cena mais explícita de contato sexual entre os dois.

Peguei na minha sunga e consegui rasgá-la de cima a baixo. Ao rasgar saiu de mim um grito como de um guerreiro no instante em que se desfere um golpe mortal. O garoto abriu a porta. [...] Eu estava com o pau completamente duro. Chegou à beira da cama inclinou-se e perguntou se eu estava bem. [...] O garoto sentou-se na cama, e me masturbou. (Noll, 1986, p.55-56)

A cena com o garoto parece não ter significado algum para o homem. Foi apenas algo como ter um desejo primitivo satisfeito. Isso porque depois o que ele descreve e precisava era a necessidade de fazer um ato que fosse “viril” como ele mesmo diz: “O ato de fazer a barba era extremamente viril que não pude deixar de pensar na presença de uma mulher ali na porta do banheiro me olhando.” (Noll, 1986, p.59) Após se ajeitar ele sai para tomar um café e, ao voltar, percebe que a mulher e a criança estão de volta. Ele surpreende o garoto usando drogas e tendo relações sexuais com “uma” mulher e não “a” mulher. Mesmo assim parece que era a mesma mulher com quem ele também transou.

Ele decide contar ao garoto o real motivo de sua ida a Porto Alegre. Mostra uma carta recebida e que diz que ele não tem uma boa relação com o pai, velho, e que está internado em um hospital á beira da morte. Ao chegar ao hospital o homem não encontra ninguém com o nome do remetente de sua carta e muito menos o seu próprio pai. Há uma passagem que deixa o leitor em dúvida se a história da carta não foi apenas invenção do próprio homem: “Peguei no bolso da camisa a carta do Sr. Tedesco e a minha caneta, e nas costas do papel comecei a rabiscar uma outra carta do Sr. Tedesco para mim. Nessa carta o Sr. Tedesco dizia coisas para me tranquilizar.” (Noll, 1986, p.81)

Nas últimas páginas aparece um amigo do garoto que também tem por volta de quarenta anos, que não aparece fisicamente, e uma garota de treze anos. O homem em um ato de desespero sentimental decide abraçar a garota e inicia-se uma cena sexual entre eles. O homem tem algumas visões em relação ao local em

que ele e a garota se encontram. Ele sai com a garota para uma rua de bares e a deixa lá, rodeada por vários garotos. A narrativa se encerra com o homem de volta ao apartamento da mulher e da criança. Todas as demais personagens desaparecem. Ele se encontra deitado na cama da mulher dizendo: “Depois me joguei na cama como se fosse mergulhar. E não vi mais nada.” (Noll, 1986, p.94)

Por todos os fatos que aparecem na narrativa, entende-se que o homem vive um conflito de identidade. Um conflito de emoções mal resolvidas. O desejo que ele sente pelo garoto é sufocado. O desejo que ele sente pela mulher de certa forma acontece para sobrepor o que é sentido em relação ao garoto. A figura da virilidade é um alibi para que ele não seja julgado por conta de seus desejos “impróprios”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para poder de certa forma concluir este trabalho farei algumas considerações acerca de tudo que foi dito até o momento. Primeiramente vale frisar que os temas aqui abordados são, de certa forma, inesgotáveis e que estão permanentemente abertos para que sejam discutidos e debatidos.

Quanto à questão da homofobia podemos chegar a um consenso que, apesar de danosa, ainda é bastante presente na vida de gays, lésbicas e até mesmo dos familiares dessas pessoas. Vale ressaltar que a sociedade está caminhando para uma possível preocupação em relação a isso. Mesmo que precise partir de pessoas que sofrem com ela. A mudança é um processo lento e gradual, o importante é que de uma forma ou de outra o problema já foi detectado. A barreira criada através da lei do silêncio está caindo e já se pode escutar alguns ruídos causados pela insatisfação.

Tanto é verdade isso tudo que mesmo que não seja algo proposital temos na literatura o registro de que há uma identidade homossexual a ser construída. Ainda que não se possa afirmar a existência de uma literatura homossexual sabemos que a temática vem sendo abordada em nossa sociedade de uma forma ou de outra. Independente do gênero literário.

As obras que foram analisadas podem confirmar tudo isto que estou dissertando. Há nelas a clara identificação de que as práticas sociais estão acontecendo e se modificando. No conto, por exemplo, visualizamos a homofobia de forma explícita e concreta. No romance, vimos conflitos afetivo-sociais de forma sutil, pois nem sempre a homofobia é agressiva e de fora para dentro, mas também pode ocorrer de dentro para fora. Como no caso da personagem que vive em constante dúvida e não sabe onde se encaixar, onde se encontrar. Podendo ser visto como a negação de uma identidade homossexual. Essa negação pode ser encarada como uma espécie de homofobia contra si própria. Por isso ela se maltrata e não se reconhece como pertencente de nada e nem de ninguém.

O que aproxima também pode distanciar. De certa forma a literatura escolhida para compor este trabalho tem muita afinidade uma com a outra, mesmo que não seja tão visível. Assim como a questão da homossexualidade, para poder entender o que foi proposto deve se despir de máscaras, rótulos e enxergar o que se tem por trás de toda uma fachada. Os detalhes que compõe o todo.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Caio Fernando. "Terça-Feira Gorda". In: ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

NOLL, João Gilberto. *Rastros do Verão*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 9 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. "A Personagem do Romance". In: CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito Contra Homossexualidade: A Hierarquia da Invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

BORILLO, Daniel. "A Homofobia". In: DINIZ, Débora; LIONÇO, Tatiana. *Homofobia e Educação em Desafio ao Silêncio*. Brasília: Letras e Livros, 2009.

LOPES, Denilson. "Uma história Brasileira". In: LOPES, Denilson. *O Homem que Amava Rapazes e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

SANTOS, Regina Célia dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. "Literatura Homoerótica". In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). *Teoria Literária Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Paraná: EDUEM, 2009.

CORTÁZAR, Julio. "Alguns Aspectos do Conto" In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronopio*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance*. São Paulo: UNESP, 1998.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. "Editora Malagueta: Campo Literário e Identidade Lésbica". *Revista Cerrados*, v. 2, n. 32, Brasília, 2011. p. 387-391

SILVA, Marcus Vinícius de Oliveira. *Psicologia e Direitos Humanos: Subjetividade e Exclusão*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.